



**Estágio de Vivência em áreas camponesas, indígenas e quilombolas no Vale do
Jequitinhonha, Minas Gerais**

Aremita Aparecida Vieira dos Reis¹

Thais das Chagas Moura²

Gabriel Dayer Lopes de Barros Moreira³

Paulo Henrique Lacerda Gonzaga⁴

Vinícius Souza Mendonça⁵

Carlos Henrique Silva Souza⁶

Claudenir Fávero⁷

¹ Engenheira Florestal, UFVJM, profissional-bolsista do CNPq.
aremitareis@yahoo.com.br

² Discente da graduação em Agronomia, UFVJM, bolsista do CNPq.
thaisufvjm@gmail.com

³ Educador, Cáritas Diocesana de Almenara. dayergabriel@gmail.com

⁴ Discente do bacharelado em Humanidades, UFVJM, bolsista do CNPq.
tel.sk@hotmail.com

⁵ Discente da graduação em Engenharia Florestal, UFVJM, bolsista do CNPq.
vsouza@pbh.gov.br

⁶ Engenheiro Florestal, UFVJM, profissional-bolsista da Fapemig.
carlos.floresta@yahoo.com.br

⁷ Docente do Departamento de Agronomia (FCA), coordenador do NAC/UFVJM.
parana@ufvjm.edu.br

RESUMO

Diante do distanciamento da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) das realidades locais onde está inserida, grupos de estudantes viram a necessidade de construir como alternativa o Estágio Interdisciplinar de Vivência (EIV) em áreas camponesas, indígenas e quilombolas do Vale do Jequitinhonha. Tinham como objetivos propiciar a vivência de estudantes nas realidades camponesas regionais; contribuir para a formação e reflexão sobre as contradições do atual modelo de desenvolvimento no campo; valorizar a diversidade sociocultural e as lutas populares; estabelecer o diálogo entre conhecimentos acadêmicos e populares; e fortalecer o movimento estudantil. Durante o estágio, são realizadas as etapas de preparação, vivência e retomada. A preparação compreende momentos de estudo com foco na conjuntura da região. Durante a vivência, os estagiários observam e participam da realidade das famílias camponesas. A retomada é o momento de socialização, problematização dos fatos e avaliação do estágio. Assim, é possível construir um processo de formação técnico-política que se oponha às práticas verticalizadas de



ensino, pesquisa e extensão e contribuir para o cumprimento da missão da UFVJM de fomentar o desenvolvimento regional.

Palavras-chave: Agroecologia; Povos tradicionais; Troca de saberes.

Introdução

Desde a sua criação, em outubro de 2005, o Grupo Aranã de Agroecologia¹ vem construindo uma relação de parceria e confiança com comunidades camponesas, organizações e movimentos sociais dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, em Minas Gerais. Os trabalhos realizados com a sociedade civil organizada possibilitaram ao grupo conhecer o cotidiano, os desafios e as potencialidades dos diversos povos do campo. Oportunizaram, ainda, o estabelecimento de momentos de intercâmbio e cooperação, com vistas ao enfrentamento das principais problemáticas sociais da região.

Fruto dessa interação e com o apoio do Núcleo de Agroecologia e Campesinato da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (NAC/UFVJM)², o Estágio Interdisciplinar de Vivência Regional (EIV Regional) nasce com o objetivo de propiciar aos estudantes dos diversos cursos de graduação da UFVJM momentos de formação, vivência e reflexão sobre a vida da população dos Vales. Entendemos que, para cumprir seu papel, a UFVJM deve se aproximar da realidade e compreender os contextos locais e regionais.

Ao assumir o nome *Povo de Luta, Povos dos Vales*, o EIV Regional reconhece a diversidade cultural e a identidade étnica como elementos fundamentais na luta por justiça e igualdade social. O estágio pretende contribuir para a luta dos trabalhadores e trabalhadoras, construindo um movimento estudantil que se reconheça como movimento social e esteja comprometido com um projeto popular para o Brasil.

Contexto regional

A região do Vale do Jequitinhonha está localizada na porção nordeste do Estado de Minas Gerais e se divide em três microrregiões — Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha. Regiões que apresentam destacada diversidade social, cultural, econômica e ambiental (campos rupestres, cerrados, caatingas, mata atlântica) com

¹ Grupo Aranã de Agroecologia: coletivo da UFVJM constituído por estudantes e profissionais de diversas áreas do saber. Tem como princípios a Agroecologia e a autonomia estudantil.

² O NAC é constituído por professores, técnicos e estudantes da UFVJM e colaboradores externos. Tem como referência a Agroecologia e como espectro de atuação as diversas expressões do campesinato e de povos tradicionais.



expressiva presença da agricultura familiar camponesa. Estima-se que, aproximadamente, 50% da população habita ou realiza atividades econômicas no meio rural. Apesar das características distintas, o histórico de resistência é semelhante.

A rica cultura dos vales vai muito além das expressões da arte (música, festas folclóricas, artesanato), ela se manifesta no “modo de vida” das populações locais (quilombolas, indígenas, chapadeiros, catingueiros, ribeirinhos) que habitam e coabitam estes ecossistemas há séculos (FAVERO, 2007, p. 15).

Os povos indígenas

Os indígenas foram os primeiros ocupantes do Vale do Jequitinhonha. Estavam presentes em todo o território quando da chegada dos colonizadores e sofreram o mesmo massacre vivido por outros grupos indígenas nas demais regiões do País.

A preponderância dos colonizadores, em uma luta desigual, não mediu esforços para eliminar ou escravizar os indígenas. No início do século XIX, os indígenas foram massacrados e expulsos de suas terras, possibilitando o povoamento dos homens brancos, a colonização do território e, conseqüentemente, a ocupação das margens do Rio Jequitinhonha.

(...) jamais se entregaram, nem renunciaram a sua liberdade, sua independência, nem se submeteram aos que, de forma feroz e impiedosa, os caçaram feito animais, para civilizá-los, e para que eles se transformassem em brasileiros bons, pacíficos e (...) sem identidade (SOARES, 2010).

Os negros

Os negros tiveram importante contribuição no povoamento da região. O primeiro processo de extração do ouro e diamante no Alto Jequitinhonha foi através da mão de obra escrava. Após o fim do cativeiro, os negros que não estavam aglutinados nos quilombos se dispersaram pelo Vale em busca de um local, o mais distante e de difícil acesso possível, em que pudessem obter os meios e as condições de manutenção e reprodução. Em alguns casos, aglutinaram-se e fizeram a ocupação e o uso de um determinado local por um grande coletivo de pessoas. Em outros, constituíram famílias menores ocupando e fazendo uso das áreas de forma mais esparsa.

Durante muito tempo, o Vale foi considerado o vale da fartura e da riqueza. Foi conhecido pela beleza de suas matas, de seus rios e seus povos indígenas e africanos que fizeram de suas florestas, serras e chapadas um santuário de resistência (SOARES, 2010).

Os camponeses



Os camponeses do Vale do Jequitinhonha que conhecemos hoje são resultado de uma mistura de povos que vieram de regiões diferentes e se misturam com os nativos. Nessa mistura de saberes e costumes, aglomeraram, resistiram e construíram historicamente formas próprias de interação e convivência com os ambientes em que habitam, dando origem a uma diversidade de comunidades tradicionais camponesas.

Uma característica marcante do Vale do Jequitinhonha é o uso comunal de áreas para a “solta” do gado e a coleta de flores, frutos, raízes, sementes, mel, etc., em diversos ambientes (campos rupestres, chapadas de cerrado, caatinga, mata atlântica). Essa prática tradicional está seriamente ameaçada pelo latifúndio pecuarista, pela implantação de extensas áreas de monocultivo de eucalipto, pelos empreendimentos minerários e hidroelétricos e, nas últimas décadas, pela criação de unidades de conservação de proteção integral.

No Baixo Jequitinhonha, a presença do latifúndio pecuarista é tamanha que existem municípios sem a presença de comunidades rurais. No Alto Jequitinhonha, já se encontra a maior área contínua de eucalipto da América Latina, com mais de 500 mil hectares. Estão previstas, pelo Governo de Minas Gerais, mais de 10 hidroelétricas nos Rios Jequitinhonha e Araçuaí, e os empreendimentos minerários se alastram por todo o Vale (Prof. Claudenir Fávero - UFVJM - Assessor do I EIV Regional).

Somente na região do Alto Jequitinhonha, as unidades de conservação, incluindo as de uso sustentável e integral, somam mais de um milhão de hectares (MONTEIRO, 2011).

A desestruturação e a descaracterização desses ambientes antes ocupados pelas atividades das comunidades tradicionais provocaram um processo que ainda é frequente nos dias atuais, no Vale do Jequitinhonha: a migração sazonal, na qual os camponeses, incluindo os quilombolas, afastam-se de suas atividades e locais de moradia, no período da seca, e partem para outras regiões em busca de trabalho e renda.

De acordo com as estimativas, migram dos municípios do Alto e Médio Jequitinhonha em média 100 mil pessoas por ano para diversas regiões do País, sendo as principais: corte de cana em São Paulo, colheita do café no Espírito Santo e sul de Minas Gerais. E mais recente, vendedor/a ambulante nas praias da Região Sul do País (Irmã Sandra - Pastoral dos Migrantes - Assessora do I EIV Regional).

Apesar da concentração fundiária, da presença das extensas áreas de monoculturas de eucalipto e da expropriação territorial realizada pelos grandes empreendimentos, além de as Unidades de Conservação representarem uma ameaça à



reprodução social das famílias camponesas do Vale do Jequitinhonha, estas resistem e são as principais responsáveis pela dinamização econômica da maioria dos municípios da região. A maior expressão dessa dinamização econômica são as feiras livres que ocorrem em praticamente todas as cidades e povoados da região.

Nas feiras livres, é possível identificar práticas agrícolas muito particulares e adaptadas às condições climáticas locais. Há notável diversificação de produtos, uma vez que os sistemas de produção da agricultura familiar camponesa do Vale são voltados tanto para o consumo como para a comercialização nas feiras livres locais. A multiplicidade de práticas agrícolas adotadas retrata as formas de viver, organizar e conhecer das populações locais.

No entanto, as políticas públicas destinadas à região se mostram incapazes de reconhecer valores e costumes historicamente construídos, o que contribui para uma concepção desenvolvimentista pautada apenas na economia e dificulta a busca de alternativas para a melhoria da qualidade de vida das populações. O atual modelo de crescimento distancia-se das necessidades dos povos do Vale.

Povos indígenas, quilombolas e camponeses se misturam na luta por território. Retornar a esses territórios é uma questão política e a realidade “bate na porta” da diversidade desses povos e cria uma necessidade de se organizar, gerando uma vontade que se torna coletiva. O campo, hoje, não está nas mãos dos indígenas, quilombolas ou camponeses: está em disputa. O território desses povos é a matriz de sua existência e instrumento de luta, além de conformar um espaço de liberdade.

Descrição da experiência

O EIV Regional Povo de Luta, Povos dos Vales é composto por momentos de estudos, debates, reflexões e pela vivência. Ele propicia o contato de estudantes das diversas áreas da UFVJM com as realidades dos povos do campo do Vale do Jequitinhonha e fomenta a reflexão e a construção de um novo paradigma para o campo brasileiro, referenciado na Agroecologia, na participação social e no fortalecimento das organizações populares.

Com a contribuição de educadores/as de organizações e movimentos sociais, os/as estagiários/as buscam uma melhor compreensão sobre a realidade agrária regional e da sociedade brasileira. Tem, ainda, a oportunidade de viver e conhecer o cotidiano das comunidades do campo, onde percebem as formas de organização social, as divisões



do trabalho, as relações de gênero, as expressões culturais, as lutas e outros aspectos da vida comunitária.

Os momentos formativos coletivos e as percepções do contexto local contribuem para uma análise crítica acerca da formação e atuação profissional e a importância da inserção política.

Ao propiciar o diálogo entre conhecimentos acadêmicos e populares e intercâmbio sociocultural, o EIV promove a interação entre ensino, pesquisa e extensão e convoca a universidade a repensar sua atuação e compromisso com a região onde está inserida.

A construção de conhecimento durante a vivência se apoia nas percepções e visões de mundo dos povos do campo e na interação destes com saberes dos/as estagiários/as. Com isso, busca-se romper com a hierarquização entre conhecimentos científicos e populares e visões simplistas de compreensão da realidade. O estágio preconiza a interação cultural, e não a intervenção técnica e acadêmica.

Para efetivar a participação dos sujeitos e a apropriação/organização coletiva dos aprendizados, o estágio adota a Agroecologia e a educação popular-libertadora como estratégias metodológicas e instrumentos políticos. Contrapondo-se às intervenções técnico-difusionista de caráter impositivo (de conhecimentos externos) e marginalizador (de sabedorias seculares), esse enfoque preconiza o diálogo e a elaboração de alternativas referenciadas no contexto e na criatividade social. Parte do pressuposto de que ninguém é desprovido de conhecimento e que este é construído no processo dialético e dialógico entre sociedade e ambiente, sujeitos e ecossistemas locais.

São diretrizes do EIV Regional:

- ✓ Agroecologia e educação popular.
- ✓ Construção coletiva do conhecimento.
- ✓ Interdisciplinaridade e interação entre saberes populares e científicos.
- ✓ Valorização da diversidade sociocultural e das lutas populares.
- ✓ Protagonismo dos sujeitos (jovens camponeses, estudantes e povos do campo).
- ✓ Identidade ética como potencial na luta.
- ✓ Unidade política.
- ✓ Igualdade de gênero.
- ✓ Construção de um projeto popular para o Brasil.



Comissão organizadora

O estágio de vivência é organizado por coletivos estudantis da UFVJM em parceria com organizações e movimentos sociais populares do Vale Jequitinhonha.

Durante os meses que precedem o EIV, é constituída uma comissão organizadora, responsável pela definição dos pilares políticos e pedagógicos do estágio. Seus papéis também são: buscar apoios para viabilizar recursos para o estágio; fazer articulação com os parceiros e assessores; preparar as comunidades e famílias que receberão os estudantes durante a vivência; e realizar momentos de diálogo e divulgação do estágio na universidade.

A comissão organizadora define, também, a equipe pedagógica, um grupo responsável pela condução do estágio durante sua realização. A primeira edição do estágio, realizada em 2012, foi organizada pelo Grupo Aranã de Agroecologia, com contribuições dos coletivos Retalhos de Fulô³ e Estudantes em Movimento⁴, e contou com o apoio do NAC/UFVJM.

As organizações parceiras

O estabelecimento de parcerias com organizações e movimentos sociais populares do Vale do Jequitinhonha é fundamental na construção e realização do EIV Regional. Os parceiros são organizações que historicamente desenvolvem atividades, militam ou representam as comunidades que receberão os/as estagiários/as. As organizações são responsáveis por definir quais comunidades receberão os/as estudantes e mediar o diálogo entre a comunidade e a equipe que constrói o EIV Regional, contribuindo para a preparação das famílias que receberão os/as estagiários/as. Elas também são responsáveis pelo transporte dos/as participantes até as áreas de vivência.

Após o estágio, são realizados encontros junto com os parceiros para a avaliação do estágio em si, do contexto onde se insere e de sua contribuição para o fortalecimento das lutas sociais nas comunidades e na região. Nesses momentos, são reafirmadas as parcerias para a continuidade da iniciativa no próximo ano.

Foram parceiros do I EIV Regional:

- ✓ Associação Indígena Pankararu Pataxó (Aippa) – Araçuaí.
- ✓ Associação Quilombola Baú – Araçuaí.

³ Coletivo Feminista - Núcleo da Marcha Mundial da Mulheres.

⁴ Coletivo do Movimento Estudantil da UFVJM - Campus Diamantina.



- ✓ Cáritas Diocesana de Almenara - Baixo Jequitinhonha.
- ✓ Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) - Regional Rosinha Maxacali.
- ✓ Pastoral do Migrante – Araçuaí.
- ✓ Visão Mundial – Programa de Desenvolvimento de Área (PDA) - Ponto dos Volantes.

A primeira edição do EIV Regional Povo de Luta, Povos dos Vales aconteceu no período de 11 a 29 de janeiro de 2012, dividida em três etapas: preparação, vivência e retomada.

I - Preparação dos/as estagiários/as

A primeira etapa do EIV é a preparação dos/as estagiários/as, em que, por meio de momentos formativos e dialógicos, os/as participantes se preparam para o período de vivência. Para facilitar o processo de aprendizagem e a construção coletiva de conhecimentos, são adotadas metodologias participativas e dinâmicas contextualizadas. Nessa etapa, os/as estudantes aprendem na prática a importância do trabalho coletivo, debatem as questões regionais e constroem entendimentos sobre as realidades que encontrarão nas comunidades e famílias.

A preparação do I EIV Regional ocorreu no Assentamento Franco Duarte/MST, em Jequitinhonha, no período de 11 a 15 de janeiro de 2012. Essa etapa contou com apoio e assessoria de educadores/as populares do Vale do Jequitinhonha que, a partir das experiências de suas organizações/movimentos e de sua militância, dialogaram sobre temas, contextos e as lutas sociais na região. Os principais temas abordados foram: a questão agrária brasileira e do Vale; território e autonomia camponesa; Agroecologia, extensão ou comunicação?; gênero e feminismo; contextos regionais e expressões culturais no Vale.

Por ter sido realizado em uma área de reforma agrária do MST, a etapa de preparação adquiriu também a importância de sensibilização dos/as estudantes que, desde o início do estágio, tiveram contato com a organicidade, a mística, a trajetória de lutas e os desafios do movimento social camponês.

A integração entre estudantes e os/as assentados/as e a solidariedade das famílias camponesas nesse período criaram um ambiente de cumplicidade e afirmaram, ainda mais, a orientação política fundamental do estágio: o movimento estudantil e agroecológico lutando junto com o povo para a superação das relações sociais desiguais



e excludentes no campo brasileiro.

Presente no estágio, a mística é um importante instrumento pedagógico. Ela se expressa através da poesia, do teatro, da expressão corporal, de palavras de ordem, da música, do canto, dos símbolos das organizações, das ferramentas de trabalho, do resgate da memória das lutas e de grandes lutadores e lutadoras da humanidade. Vira celebração e visa a envolver todos/as os/as presentes em um mesmo movimento, a vivenciar um mesmo sentimento, a formar a identidade coletiva de lutadores e lutadoras do povo (MPJC, 2003).

II. A vivência

A etapa da vivência objetiva despertar o olhar crítico dos/as estagiários/as a partir da vida concreta da comunidade e da interação entre os/as estudantes e as famílias do campo.

A vivência é realizada durante um período de, aproximadamente, 10 dias. Nesse período, o/a estagiário/a se torna um/a “filho/a” da família e participa de suas atividades rotineiras: em casa, na roça, na feira, nas festas, nos encontros comunitários, etc. Entendendo o campo como espaço de diversidade, o EIV Regional prioriza áreas indígenas, quilombolas e camponesas (incluindo as áreas de reforma agrária do MST).

Entre outros aspectos é possível, na vivência, observar formas de produção e trabalho características da agricultura camponesa e dos povos tradicionais do Vale do Jequitinhonha. Adaptados aos ambientes e a culturas locais, esses sistemas agrícolas divergem do padrão agrícola convencional visto nas universidades, referenciado apenas em aspectos técnico-econômicos e no uso de insumos e conhecimentos externos.

O estágio de vivência é muito bom para as pessoas verem a realidade da gente. Nossa vida, a enxada e a semente da gente! Eles viveram a vida difícil da gente, do banho de caneca ao trabalho na roça (Valteir Antunes – Camponês da comunidade Caldeirão - Itinga).

III. Retomada

A retomada acontece logo após o término da vivência por um período de 3 dias. É o momento em que os/as estagiários/as se reencontram para compartilhar as experiências vividas nas áreas. Há uma profunda reflexão da relação entre a universidade e a sociedade, os desafios das comunidades e as possibilidades de atuação para a transformação da realidade.

Os/as estudantes são provocados/as a refletirem sobre o papel social e ético da UFVJM no Vale do Jequitinhonha e a se engajarem nas organizações estudantis e



movimentos populares que lutam por uma mudança estrutural da sociedade.

Além dos/as estagiários/as, participaram dessa etapa as famílias que os/as acolheram. Elas partilham suas impressões do estágio, relembram os “causos” ocorridos durante a vivência, avaliam e contribuem com sugestões para o próximo estágio.

Resultados e considerações

As reflexões e aprendizagens foram partilhadas em momentos de diálogo com os/as estagiários/as, as famílias, as organizações parceiras e a equipe pedagógica durante as etapas do EIV Regional. Além disso, foram realizados quatro importantes momentos de avaliação.

O primeiro momento ocorreu no assentamento Franco Duarte quando os/as estagiários/as retornaram das vivências. Reuniram-se a equipe pedagógica, os/as estagiários/as e as famílias que os/as receberam. Foi um momento de grande importância, pois houve um entrosamento entre as diferentes famílias.

Foi um filho que Deus me deu por uns dias (Sr. Isaías – Camponês do Assentamento Franco Duarte).

O segundo momento de avaliação aconteceu na sede do Grupo Aranã, em Diamantina, contando com a participação da equipe pedagógica e dos/as estagiários/as. Nesse encontro, realizou-se uma avaliação detalhada de todo o EIV, passando pelo processo de construção e pelas etapas de preparação, vivência e retomada. Além disso, fomentou-se uma análise crítica dos/as estagiários/as em relação às áreas vivenciadas e ao impacto dessa experiência em suas vidas.

O terceiro momento de avaliação foi realizado em uma reunião com a presença das organizações parceiras do estágio, integrantes da equipe pedagógica e estagiários/as, na sede da Associação dos Moradores e Amigos de Itinga (Amai), em Itinga. Nesse encontro, os/as estagiários/as presentes contaram como foi a experiência de participar do EIV e também foi feita uma avaliação do estágio na perspectiva das organizações.

O EIV deve servir para nós como anúncio e denúncia das problemáticas da região! (Decanor – Técnico da Cáritas Diocesana Baixo Jequitinhonha e assessor do I EIV Regional).

O quarto momento de avaliação ocorreu através de visitas, realizadas por integrantes do Grupo Aranã e do NAC, às organizações parceiras, às comunidades e às famílias que receberam os/as estagiários/as. Esse contato, após o estágio, foi essencial para a compreensão dos aprendizados e das contribuições do mesmo nas comunidades e



famílias. Da mesma forma, aconteceu em relação ao diálogo com as organizações, que tornou possível a realização de uma avaliação mais aprofundada, de acordo com os objetivos e intenções que cada organização tem com o estágio.

A avaliação é um processo essencial, pois, ao avaliar as atividades desenvolvidas nas etapas que compõem o EIV Regional, com todos os sujeitos envolvidos, identificando suas falhas e acertos, pode-se contribuir para o amadurecimento dessa experiência.

O estágio proporcionou o contato de estudantes com modos de vida, de trabalho e de organização característicos das comunidades camponesas e tradicionais. As diversas formas de ser e de viver dessas populações se constroem na interação das famílias e comunidades com os ecossistemas e tradições locais. Fruto dessas conexões, os saberes associados aos sistemas agrícolas tradicionais são essenciais na manutenção e reprodução sociocultural desses grupos e da conservação ambiental.

Acho que ela aprendeu muita coisa, foi pra roça, viu como aqui é diferente de lá onde que ela mora (D. Ana – Camponesa da Comunidade Córrego São Pedro - Jequitinhonha).

Motivados/as pelos aprendizados e conhecendo os desafios da vida no campo, os estagiários/as se sensibilizaram e despertaram para a importância do fortalecimento dos grupos locais com vistas à garantia de direitos. A luta pela reforma agrária, pelos territórios tradicionais e pelos direitos associados à agrobiodiversidade foram marcantes nas áreas vivenciadas e são bandeiras empunhadas pelos movimentos sociais do Vale do Jequitinhonha.

A melhor experiência da minha vida, viver a vida do quilombo! O estágio “amplia” a nossa cabeça e traz uma nova visão do Vale e dos movimentos sociais, como o MST. É uma ótima oportunidade aos estudantes, mudou minha opinião e meu projeto de futuro (Isabela Reis – Estagiária do I EIV Regional).

A história do Vale do Jequitinhonha sempre foi contada por pessoas estranhas que tinham os seus interesses particulares, principalmente quando se refere a “oportunistismo político”. Esse é um dos fatos pelo qual o Jequitinhonha foi chamado, por muitos, *Vale da Miséria*. Ao vivenciar as comunidades, deparamos com uma diversidade de povos, que trazem consigo uma riqueza cultural e uma imensidão de conhecimentos que os mantiveram em seus locais até os dias atuais. Na realidade, o que se vê é o Vale resistente, cujo povo silenciou por muitos anos, não por faltar algo a ser contado, mas por medo dos coronéis, dos fazendeiros e dos políticos que os calaram.



O povo do Vale tem muitas coisas ali na comunidade que estão guardadas e poucas pessoas sabem — a cultura, as histórias, os conhecimentos e a luta. Esse relacionamento de vivência e comunidade é muito importante pra gente estar contando nossa verdadeira história. Os/as estagiários/as ficaram bastante entusiasmados com nossa história e nossa cultura, conversaram sempre com os mais velhos para saberem um pouco mais (Tupã Pataxó – Membro da Aldeia Cinta Vermelha Jundiba).

Historicamente, há uma lacuna no âmbito universitário no que tange à construção de conhecimentos que priorizem os anseios das comunidades camponesas, indígenas, quilombolas e outras comunidades tradicionais. Na UFVJM não é diferente, o seu projeto pedagógico está voltado para os interesses dos grandes empreendimentos da região, das indústrias, e não para o povo.

Com estágio o/a estudante passa a enxergar que há outros caminhos para a sua formação, para a atuação profissional e para a sua vida. Percebe também que, em uma sociedade desigual e excludente como a nossa, os conhecimentos científicos e as pesquisas acadêmicas quase sempre estão mais relacionadas com o “poder” do que com o “saber” (Gabriel Dayer – Técnico da Cáritas Diocesana do Baixo Jequitinhonha).

O EIV Regional, a partir da perspectiva agroecológica, a interação entre saberes e a valorização dos modos de vida e das lutas pelos territórios camponeses tradicionais servem de referências na superação de uma proposta que domina e exclui o campo brasileiro, atualmente representada pelos setores do agronegócio e afirmada nas universidades. Ao mesmo tempo, a comunidade passa a entender qual é o verdadeiro papel da universidade e a se sentir parte dela na construção do conhecimento coletivo.

Sentem que alguém os valoriza. E isso dá um estímulo ali naquela comunidade. O estágio contribuiu muito na visão dos agricultores que pensavam que a universidade era outra coisa, outro mundo e depois veem que as pessoas são iguais e os saberes, diferentes (Pierry Gusmão – Técnico da Amai – Itinga).

Os espaços de articulação entre as universidades, organizações/movimentos sociais, comunidades e famílias são fundamentais para aproximar as instituições de ensino das demandas concretas das classes populares.

A partir do EIV Regional, pode emergir a construção de outro projeto pelas pessoas, pelo povo do Vale, que tem muito a dizer e a fazer na nossa região. (Samuel – Cáritas Regional e assessor do I EIV Regional).

A universidade deveria ter estágio de vivência regional como uma proposta de currículo. Deveria ser um projeto, um compromisso da universidade com a população brasileira, reconhecer essa diversidade



enorme que são os camponeses no Brasil (Conceição Luciano – Assessora do I EIV Povo de Luta, Povos dos Vales).

Ao retornar à universidade, a maioria dos/as estudantes que participaram do I EIV Regional se inseriu nos grupos organizados existentes ou criaram outros coletivos, o que tem contribuído para o fortalecimento do movimento estudantil da UFVJM. Entre os núcleos criados, podemos citar o coletivo Tarumã, da Associação Brasileira dos Estudantes de Engenharia Florestal (Abeef), o núcleo da Entidade Nacional dos Estudantes de Biologia (ENEBio), que também está inserido no centro acadêmico (CA) do curso de Biologia.

O EIV é o momento de visualizar uma formação profissional e política diferenciada, de se engajar em movimentos que contribuem na transformação social e de construir novas parcerias com as organizações que atuam com o campesinato e a Agroecologia.

O II EIV Regional Povo de Luta, Povos dos Vales aconteceu no período de 22 de abril a 12 de maio de 2013 e está em processo de avaliação e de sistematização. O II EIV passou a contar com um número maior de coletivos da UFVJM envolvidos na construção e realização do estágio. Essa articulação se deu pelo fato de os grupos perceberem a importância do estágio na formação dos estudantes e a contribuição que este pode dar ao fortalecimento do movimento estudantil.

Agradecimentos

Às organizações parceiras e às famílias que receberam os/as estagiários/as, por compartilhar os aprendizados; ao NAC/UFVJM, pelo constante apoio; à SAF/MDA-CNPq/MCT, ao Proext/SESu/MEC, à Fapemig e ao Pibex/UFVJM pelo apoio financeiro e bolsas concedidas a estudantes e profissionais.

Referências bibliográficas

FAVERO, C. *Envolvimento sustentável com os Vales do Jequitinhonha e Mucuri*. Diamantina: Voz de Diamantina, p. 14 - 15, 26 de maio 2007.

ITERRA. *Método Pedagógico Josué de Castro (MPJC)*. Veranópolis: Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária, 2003.

MONTEIRO, F. T. *Os(as) apanhadores(as) de flores e o Parque Nacional das Sempre-vivas (MG): travessias e contradições ambientais*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. 240p. (Dissertação de Mestrado)

SOARES, G. *Na trilha guerreira dos Borun*. Belo Horizonte: Instituto Metodista
Cadernos de Agroecologia - ISSN 2236-7934 – Vol. 11, No. 1, JUN 2016 13



Izabela Hendrix, 2010. 299p.